

QUEM PLANTA SABERES, COLHE INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: O CASO DO EMPREENDEDORISMO INDÍGENA

WHO PLANTS KNOWLEDGE, HARVESTS INNOVATION AND SUSTAINABILITY: THE CASE OF INDIGENOUS ENTREPRENEURSHIP

QUIEN SIEMBRA SABERES, COSECHA INNOVACIÓN Y SOSTENIBILIDAD: EL CASO DEL EMPRENDIMIENTO INDÍGENA

Marcelo Gonçalves da Silva¹

Iago Henrique de Andrade Astolfi²

Jane Corrêa Alves Mendonça³

Resumo: Este artigo examina o conceito de empreendedorismo indígena como um modelo que combina práticas econômicas inovadoras com a preservação de saberes e tradições culturais. Baseando-se em experiências de diversas comunidades indígenas, a pesquisa aborda como iniciativas em turismo cultural, artesanato sustentável e agricultura tradicional promovem a autonomia econômica, o fortalecimento da identidade cultural e a sustentabilidade ambiental. Além de mapear os desafios enfrentados, como exclusão de mercados globais e falta de políticas públicas eficazes, o estudo propõe o uso de tecnologias emergentes e estratégias colaborativas para ampliar o impacto dessas práticas. O artigo conclui destacando a relevância do empreendedorismo indígena como uma resposta aos desafios contemporâneos de equilíbrio entre economia, cultura e meio ambiente.

Palavras-chave: empreendedorismo indígena; saberes tradicionais; sustentabilidade; inovação.

Abstract: This article examines the concept of indigenous entrepreneurship as a model that combines innovative economic practices with the preservation of traditional knowledge and cultural heritage. Drawing on experiences from various indigenous communities, the research explores how initiatives in cultural tourism, sustainable crafts, and traditional agriculture promote economic autonomy, cultural identity, and environmental sustainability. In addition to mapping challenges such as exclusion from global markets and the lack of effective public policies, the study proposes the use of emerging technologies and collaborative strategies to enhance the impact of these practices. The article concludes by highlighting the importance of indigenous entrepreneurship as a response to contemporary challenges in balancing economy, culture, and the environment.

Keywords: indigenous entrepreneurship; traditional knowledge; sustainability; innovation.

¹ Graduando em Administração na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), bolsista PIBIC/UFGD 2024-2025. E-mail: celogsil@gmail.com.

² Bolsista PIBIC Ensino Médio 2024. E-mail: andradeastolfii@gmail.com.

³ Professora Adjunta e Coordenadora do Curso de Administração da Universidade Federal da Grande Dourados – FACE/UFGD, orientadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UFGD, com o projeto “Arandu Roky: Nascendo Ideias”. E-mail: janemendonca@ufgd.edu.br.

Resumen: Este artículo examina el concepto de emprendimiento indígena como un modelo que combina prácticas económicas innovadoras con la preservación de los saberes y tradiciones culturales. Basándose en experiencias de diversas comunidades indígenas, la investigación analiza cómo iniciativas en turismo cultural, artesanías sostenibles y agricultura tradicional promueven la autonomía económica, la identidad cultural y la sostenibilidad ambiental. Además de mapear los desafíos, como la exclusión de mercados globales y la falta de políticas públicas efectivas, el estudio propone el uso de tecnologías emergentes y estrategias colaborativas para ampliar el impacto de estas prácticas. El artículo concluye destacando la relevancia del emprendimiento indígena como una respuesta a los desafíos contemporáneos de equilibrio entre economía, cultura y medio ambiente.

Palabras clave: emprendimiento indígena; saberes tradicionales; sostenibilidad; innovación.

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo indígena tem se destacado nas discussões sobre desenvolvimento sustentável e valorização cultural, revelando-se como um modelo que combina a expansão de atividades econômicas com a preservação de práticas culturais. Segundo Silva e Gomes (2022), o empreendedorismo indígena representa um modelo que combina a expansão de atividades econômicas com a preservação de práticas culturais, criando alternativas que respeitam as tradições locais enquanto contribuem para a autonomia das comunidades. Essa modalidade de empreendedorismo possui características distintas, que a afastam do modelo ocidental tradicional, predominantemente focado no lucro. Em vez disso, prioriza a coesão social, o fortalecimento da identidade cultural e a sustentabilidade ambiental (Castilho *et al.*, 2017). As práticas empreendedoras entre os povos indígenas envolvem atividades que vão desde o turismo cultural até a produção artesanal sustentável e a agricultura tradicional, com o objetivo de conservar os recursos naturais e os valores culturais herdados dos antepassados (Henry; Dana; Murphy, 2017).

A diversidade cultural das comunidades indígenas dá origem a práticas empreendedoras únicas, que, além de promoverem o desenvolvimento local, buscam um equilíbrio entre tradição e inovação. Esse equilíbrio configura o empreendedorismo indígena como uma resposta aos desafios econômicos e sociais, sem comprometer o meio ambiente (Dana; Anderson, 2007). Contudo, apesar do crescente interesse acadêmico e prático nesse campo, ainda existem lacunas significativas na literatura sobre as características desse tipo de empreendedorismo, seus desafios e o impacto dessas iniciativas nas culturas e economias locais (Oliveira; Andrade, 2017). A escassez de estudos e dados sobre o tema limita a

compreensão das práticas empreendedoras indígenas e de como se adequam às especificidades culturais de cada comunidade.

Este estudo buscou investigar como o empreendedorismo indígena tem sido caracterizado na literatura acadêmica, explorando as definições, práticas e tipos de negócios mais comuns nas comunidades indígenas. O foco principal foi analisar sua caracterização na literatura acadêmica e identificar os tipos de empreendedorismo presentes nas comunidades indígenas, buscando responder à questão de pesquisa central. A metodologia envolveu a consulta e análise de artigos e livros relevantes sobre o tema, incluindo conceitos como saberes tradicionais, sustentabilidade e inovação. A análise dos materiais visou compreender definições, práticas e desafios do empreendedorismo indígena, contrastando-o com modelos ocidentais e destacando sua prioridade na coesão social, identidade cultural e sustentabilidade ambiental. O estudo sintetiza o conhecimento existente para oferecer uma compreensão abrangente e propor direções para futuras pesquisas.

O objetivo é analisar como esses empreendimentos expressam a diversidade cultural, os desafios que enfrentam para equilibrar tradição com as exigências do mercado global e a forma como contribuem para o desenvolvimento econômico e sustentável dessas comunidades. Assim, este estudo se propõe a responder à seguinte questão de pesquisa: Como o empreendedorismo indígena é caracterizado na literatura acadêmica contemporânea e quais são os tipos de empreendedorismo identificados nas comunidades indígenas?

A hipótese deste trabalho é que as publicações acadêmicas revelam uma pluralidade de definições e práticas do empreendedorismo indígena, refletindo as diversas perspectivas e contextos culturais. Em vez de se basearem apenas na busca por lucro, essas iniciativas buscam valorizar a identidade cultural dos povos indígenas e promover sua autonomia econômica, adotando práticas sustentáveis que respeitam tanto as tradições quanto o meio ambiente. Exemplos disso incluem o desenvolvimento do turismo étnico, a produção artesanal sustentável e a agricultura tradicional. As publicações acadêmicas, portanto, documentam tanto os casos de sucesso quanto os desafios enfrentados por essas comunidades, além de sugerirem diretrizes para políticas públicas que incentivem o desenvolvimento de empreendimentos respeitosos e integrados com a realidade cultural indígena.

EXPLORANDO O CONCEITO: EMPREENDEDORISMO INDÍGENA

O empreendedorismo indígena, relevante para 370 milhões de indígenas em cerca de 70 países, é uma abordagem que alia desenvolvimento econômico à preservação de tradições culturais. Essas comunidades mantêm práticas sociais, econômicas e políticas distintas, mas enfrentam desafios históricos causados pela colonização e o contato com culturas dominantes. Ainda assim, iniciativas como turismo cultural, artesanato sustentável e agricultura tradicional têm promovido autonomia econômica e fortalecido as identidades culturais desses povos (Dana; Anderson, 2007).

Definido como a criação e gestão de empreendimentos por e para indígenas, esse modelo se diferencia por valorizar normas culturais locais em vez de focar exclusivamente no lucro. Ele ocorre em diversos setores, priorizando coesão social e sustentabilidade (Hindle; Moroz, 2010). No entanto, obstáculos como sistemas organizacionais dominantes e exclusão de mercados globais limitam o desenvolvimento pautado em valores indígenas. Apesar disso, estudos apontam a relevância de práticas empreendedoras que integram aspectos culturais, como o fa'aSamoa em Samoa, que fortalece microempresas alinhadas ao modo de vida tradicional (Cahn, 2008).

Além de promover subsistência econômica, o capital social e cultural impulsiona redes estratégicas e reforça a identidade coletiva, elementos essenciais para o sucesso desses empreendimentos (Throsby, 1999). Diferentemente do modelo ocidental, o empreendedorismo indígena combina sustentabilidade com saberes ancestrais, gerando impacto social positivo e preservando o meio ambiente (Correia, 2019).

Exemplos como os Māori na Nova Zelândia mostram a eficácia de negócios que integram resiliência cultural e práticas inovadoras, criando soluções econômicas sustentáveis (Mika; Fahey; Bensemann, 2019). No Brasil, iniciativas como a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto n.º 6.040/2007) reforçam a importância dessas práticas para garantir direitos territoriais e culturais. Assim, o empreendedorismo indígena demonstra como tradição e inovação podem coexistir, contribuindo para um futuro sustentável e equilibrado.

TIPOS DE EMPREENDEDORISMO EMERGENTES

Em um contexto de desafios ambientais, sociais e econômicos cada vez mais complexos, novos modelos de empreendedorismo estão emergindo como respostas inovadoras e sustentáveis às necessidades do mundo atual. Esta seção explora as diferentes

vertentes do empreendedorismo que, além da busca pelo lucro, incorporam valores como sustentabilidade, preservação cultural e impacto social positivo. Ao longo dos tópicos, são abordados tipos de empreendedorismo que propõem soluções para a conservação ambiental, valorização da cultura e promoção da inclusão social, sempre com foco em fortalecer a economia de maneira ética e responsável.

Iniciando com a Economia Criativa, a seção destaca como práticas culturais e criativas não apenas geram valor econômico, mas também desempenham um papel fundamental na preservação de tradições e na promoção da identidade cultural. Em seguida, são discutidos o Empreendedorismo Sustentável, que alia metas financeiras a responsabilidades socioambientais, e o Empreendedorismo Econômico, que tem a inovação como motor do crescimento econômico. O Empreendedorismo Social, com o objetivo de solucionar problemas comunitários, e o Empreendedorismo Ambiental, que busca minimizar o impacto ecológico, mostram como é possível empreender com foco em causas sociais e ambientais. Por fim, o Empreendedorismo Digital é abordado como uma nova fronteira, expandindo os negócios para o mundo virtual, acessando mercados globais e facilitando a adaptação a novas tecnologias.

Essas abordagens evidenciam a evolução do empreendedorismo, que está se ajustando às demandas de um mundo em constante transformação, buscando equilibrar crescimento econômico com responsabilidade social e sustentabilidade ambiental.

Economia Criativa e Desenvolvimento Sustentável

A economia criativa é uma estratégia viável para enfrentar crises ambientais e sociais, promovendo soluções sustentáveis e valorizando cultura e inovação. Esse modelo econômico não só gera bens e serviços simbólicos, mas também contribui para o desenvolvimento econômico, cultural e social (Reis, 2008). Engler e Mourão (2024) destacam que a produção criativa envolve a criação a partir de ideias, cultura e tradição, facilitando a participação no mercado e valorizando o patrimônio cultural.

No Brasil, a economia criativa é influenciada pela diversidade cultural, manifestando-se em áreas como artesanato e *design*. A produção artesanal, aliada a métodos sustentáveis, é impulsionada pelo *design* sistêmico, que aproveita resíduos vegetais e agrega valor aos produtos (Mourão, 2011).

Os setores criativos transformam cultural, social e economicamente as comunidades, integrando desenvolvimento sustentável e melhorando condições de vida por meio de práticas

locais valorizadas (Engler; Mourão, 2024). Além disso, a sustentabilidade no setor criativo destaca o papel do *design* e do artesanato no desenvolvimento local, priorizando o uso responsável de recursos e minimizando desperdícios. Mourão (2011) afirma que o uso de materiais sustentáveis e técnicas de reaproveitamento agrega valor aos produtos sem comprometer os ecossistemas, promovendo sustentabilidade e reforçando a identidade regional.

Empreendedorismo Sustentável

O empreendedorismo sustentável é um modelo de negócios que equilibra objetivos econômicos com responsabilidades sociais e ambientais, buscando lucro e o bem-estar da sociedade e do meio ambiente. Baseado no modelo do "triple bottom line" (TBL), ele integra práticas sustentáveis além da responsabilidade social corporativa tradicional (Elkington, 2012). Boszczowski e Teixeira (2012) apontam que ele converge o empreendedorismo social e ambiental, unindo dimensões econômica, social e ambiental de forma estratégica.

Para ser eficaz, é crucial criar valor sustentável e promover uma interação contínua com *stakeholders*, especialmente fornecedores, facilitando a disseminação de práticas sustentáveis (Orsiolli; Nobre, 2016). Empresas que integram sustentabilidade promovem valor compartilhado, beneficiando a organização e a comunidade, e incentivam inovações que respondem ao mercado sustentável (Schlange, 2009; Hörisch; Freeman; Schaltegger, 2014).

Empresas sustentáveis adotam práticas como rastreabilidade, logística reversa e certificações ambientais, fortalecendo seu compromisso ecológico e consolidando a confiança dos *stakeholders*. Essas medidas promovem uma gestão participativa, apoiando a comunidade local, o uso de recursos renováveis e a minimização de resíduos, equilibrando crescimento econômico com preservação ambiental (Orsiolli; Nobre, 2016; Hall e Vredenburg, 2003).

Empreendedorismo Econômico

O empreendedorismo econômico, segundo Martofel *et al.* (2020), baseia-se nas ideias de Joseph Schumpeter, que define o empreendedor como um agente de inovação e mudança econômica. Para Schumpeter (1997), o papel do empreendedor é fundamental para o desenvolvimento econômico, pois ele cria novos produtos, processos e métodos de organização que alteram o equilíbrio do mercado, gerando crescimento. Esse tipo de empreendedorismo é movido pela destruição criativa, conceito no qual as inovações rompem com padrões estabelecidos, abrindo espaço para novos mercados e oportunidades. Martofel *et*

al. (2020) ressaltam que o empreendedorismo econômico visa, portanto, a transformação e o progresso econômico, explorando a criatividade e a inovação como forças propulsoras.

Nesse contexto, o desenvolvimento econômico proporcionado pelo empreendedorismo econômico não é apenas uma questão de criação de negócios, mas envolve a geração de valor sustentável ao longo do tempo. Dornelas (2016) descreve o empreendedorismo econômico como o processo pelo qual ideias são transformadas em oportunidades que agregam valor ao mercado, e cujo impacto se reflete no aumento da produtividade e na criação de novos postos de trabalho. Em última análise, a visão econômica do empreendedorismo considera que as inovações devem trazer benefícios tanto para o consumidor quanto para o produtor, contribuindo para a competitividade e sustentabilidade econômica de longo prazo (Lisetchi; Brancu, 2014).

Empreendedorismo Social

O empreendedorismo social, por sua vez, é caracterizado pelo foco em solucionar problemas sociais e gerar impacto positivo na sociedade. Diferentemente do empreendedorismo econômico, cujo objetivo principal é a lucratividade, o empreendedorismo social visa atender necessidades e demandas que o Estado ou o mercado tradicional não conseguem suprir adequadamente. De acordo com Martofel *et al.* (2020), o empreendedor social busca criar valor social ao promover melhorias em áreas como educação, saúde, cultura e meio ambiente, priorizando o bem-estar coletivo em detrimento do lucro.

Os autores destacam que o empreendedor social é movido por valores que superam o simples sucesso financeiro, focando em benefícios de longo prazo para a sociedade. Schaltegger e Wagner (2011) argumentam que o empreendedorismo social não se limita ao atendimento de demandas sociais, mas também promove a autonomia e o desenvolvimento de comunidades, ajudando a resolver problemas persistentes. Gandhi e Raina (2018) reforçam que o empreendedor social deve, ainda, ter uma visão de transformação social, buscando soluções inovadoras para questões complexas, como a desigualdade social e a proteção do meio ambiente. Essa forma de empreendedorismo é fundamental para enfrentar desafios sociais e sustentar o desenvolvimento humano e social em comunidades vulneráveis.

Empreendedorismo Ambiental

O empreendedorismo ambiental, também conhecido como ecoempreendedorismo ou empreendedorismo verde, se concentra na criação de negócios que promovem a preservação

ambiental e a sustentabilidade. Segundo Martofel *et al.* (2020), esse tipo de empreendedorismo surge como uma resposta aos desafios da degradação ambiental e do uso insustentável dos recursos naturais. Os ecoempreendedores identificam e exploram oportunidades de negócios voltados para a sustentabilidade, como a redução de emissões, o reaproveitamento de resíduos e o desenvolvimento de tecnologias limpas.

Martofel *et al.* (2020) observam que o empreendedorismo ambiental é impulsionado pela necessidade de enfrentar as falhas de mercado que resultam na exploração excessiva de recursos e na poluição ambiental. Brunelli e Cohen (2012 *apud* Martofel *et al.*, 2020) definem o empreendedorismo ambiental como um processo que visa o lucro econômico e ecológico simultaneamente, aproveitando as oportunidades surgidas das demandas por práticas ambientais mais responsáveis. Dessa forma, os empreendedores ambientais desempenham um papel fundamental ao desenvolver produtos e serviços que promovem a conservação dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que criam valor econômico para o mercado. Para Shepherd e Patzelt (2011 *apud* Martofel *et al.*, 2020), o empreendedorismo ambiental contribui para a sustentabilidade ao inovar na criação de bens e serviços ambientalmente corretos, equilibrando o retorno financeiro com os benefícios ecológicos e sociais.

Empreendedorismo Digital

O empreendedorismo digital envolve a criação e desenvolvimento de negócios que utilizam intensivamente tecnologias digitais para inovar, otimizar operações e se adaptar a um ambiente em constante mudança. Esse conceito inclui o uso de ferramentas e plataformas digitais, além de TICs, para desenvolver novos modelos de negócios, produtos e serviços digitais, ampliando o alcance e a eficiência organizacional (Pinto; Martens; Scaziota, 2023).

Ele permite que as empresas ajustem e renovem suas capacidades e recursos, aproveitando oportunidades e enfrentando desafios no cenário digital. Impulsionado por "capacidades dinâmicas", o empreendedorismo digital promove a digitalização dos negócios e a criação de um ecossistema inovador e colaborativo, valorizando a conectividade e a geração de valor para os usuários finais (Teece; Pisano; Shuen, 1997; Pinto; Martens; Scaziota, 2023).

DESAFIOS E OPORTUNIDADES: INOVAÇÃO DENTRO DA TRADIÇÃO

A integração da inovação com as tradições das comunidades é um caminho estratégico para o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo que preserva o patrimônio cultural. A seguir, serão apresentados alguns dos principais desafios enfrentados pelas comunidades tradicionais, acompanhados de propostas criativas e tecnológicas para superá-los, criando oportunidades de inovação e crescimento.

Desafio: Acesso ao Mercado Globalizado

Barreira: Muitas comunidades tradicionais enfrentam dificuldades para inserir seus produtos no mercado globalizado, devido a limitações logísticas, falta de redes de distribuição e à dificuldade de comunicação com os consumidores em mercados mais amplos.

Oportunidade de Inovação:

- **Plataformas Digitais de Comércio:** Desenvolver e implementar *marketplaces* digitais que conectem as comunidades diretamente com consumidores globais. Esses *marketplaces* podem ser customizados para apresentar produtos de forma culturalmente rica, com *storytelling*, e-commerce simples e integração com logística de transporte eficiente.
- **Rastreamento e Certificação de Origem:** Usar tecnologias de *blockchain* para rastrear a origem dos produtos, assegurando sua autenticidade e garantindo que os consumidores possam visualizar o impacto ambiental e social positivo de sua compra.

Desafio: Capacitação e Educação Empreendedora

Barreira: A falta de educação formal em áreas como gestão empresarial, finanças e *marketing* é um obstáculo para os empreendedores de comunidades tradicionais, que, embora tenham grandes habilidades culturais e de produção, não possuem as ferramentas para expandir seus negócios.

Oportunidade de Inovação:

- **Programas de Educação Empreendedora *Online*:** Criar cursos de capacitação em empreendedorismo adaptados às realidades das comunidades, usando plataformas de ensino à distância que abordem desde gestão financeira até *marketing* digital.
- **Mentoria Virtual e Parcerias com Universidades:** Estabelecer redes de mentoria *online* com profissionais especializados, universidades e organizações que possam fornecer apoio contínuo e colaborar no desenvolvimento de novos modelos de negócios sustentáveis.

Desafio: Sustentabilidade Ambiental e Uso de Recursos Naturais

Barreira: As comunidades tradicionais frequentemente dependem de práticas agrícolas ou de extração de recursos naturais que podem ser insustentáveis a longo prazo, colocando em risco o meio ambiente e suas formas de sustento.

Oportunidade de Inovação:

- **Tecnologias de Agricultura Sustentável:** Implementar tecnologias de agricultura de precisão e agroecologia, como o uso de sensores e drones para monitoramento das plantações, que permitem a aplicação eficiente de recursos naturais e minimizam o desperdício.
- **Produção de Bioinsumos e Economia Circular:** Incentivar a criação de sistemas locais de produção de bioinsumos (fertilizantes, pesticidas naturais) e estabelecer cadeias de valor baseadas na economia circular, como a reutilização de resíduos agropecuários para compostagem e energia limpa.

Desafio: Falta de Apoio Institucional e Acesso a Políticas Públicas

Barreira: Muitas vezes, as políticas públicas não contemplam as necessidades e especificidades das comunidades tradicionais, deixando-as fora dos processos decisórios e sem acesso a programas de incentivo e apoio financeiro.

Oportunidade de Inovação:

- **Criação de Redes de Parcerias e Colaboração com Governos Locais:** Desenvolver plataformas de colaboração entre líderes comunitários, ONGs e governos locais para articular políticas públicas mais inclusivas e voltadas para as necessidades dessas comunidades.
- **Crowdfunding e Investimento Coletivo para Projetos Locais:** Utilizar plataformas de *crowdfunding* para financiar iniciativas locais de preservação ambiental e desenvolvimento econômico, oferecendo aos investidores uma alternativa de impacto social e ambiental positivo.

Desafio: Valorização da Cultura Local e da Identidade Tradicional

Barreira: A globalização pode gerar uma diluição das práticas culturais e de produção tradicionais, fazendo com que as comunidades percam suas referências culturais, o que afeta sua identidade e seus produtos.

Oportunidade de Inovação:

- **Plataformas de Cultura e Turismo Sustentável:** Desenvolver projetos de turismo sustentável que promovam a vivência direta com a cultura local, como experiências imersivas em suas práticas artesanais, culinárias e festas tradicionais.

- **Tecnologia para Preservação e Difusão Cultural:** Criar aplicativos de realidade aumentada (AR) e virtual (VR) que permitam aos visitantes e aos próprios membros da comunidade acessar conteúdos educativos sobre suas tradições de forma interativa, preservando assim sua história e incentivando a troca cultural com outras regiões.

Desafio: Desafios Sociais e Exclusão Digital

Barreira: A exclusão digital ainda é uma realidade em muitas comunidades, limitando seu acesso a informações vitais sobre oportunidades de mercado, capacitação e novas tecnologias que poderiam ajudar no desenvolvimento de seus negócios e sustentabilidade.

Oportunidade de Inovação:

- **Iniciativas de Inclusão Digital:** Criar espaços de acesso público a tecnologias, como centros comunitários de internet ou Wi-Fi gratuito em pontos estratégicos, onde os membros da comunidade possam acessar cursos, informações e novos mercados.
- **Tecnologias Adaptativas e Simples para a Inclusão Digital:** Desenvolver aplicativos e ferramentas digitais que sejam intuitivas, de baixo custo e compatíveis com as condições locais, ajudando os membros da comunidade a se inserirem no mundo digital de maneira eficaz e segura.

A inovação, quando aplicada de maneira estratégica e culturalmente sensível, pode se tornar uma poderosa ferramenta para promover a inclusão social e econômica das comunidades indígenas. Os resultados esperados a partir da aplicação de tecnologias, práticas inovadoras e parcerias colaborativas têm o potencial de transformar profundamente a realidade dessas comunidades, gerando benefícios em diversas dimensões desde a ampliação do acesso a mercados até o fortalecimento da identidade cultural indígena. A seguir, discutimos como esses resultados poderão impactar positivamente o empreendedorismo indígena, impulsionar o desenvolvimento sustentável e promover o reconhecimento cultural.

Inclusão Social e Econômica das Comunidades Indígenas

Através da inovação, é possível criar um ambiente mais inclusivo para os povos indígenas, proporcionando-lhes maior acesso a oportunidades econômicas e sociais. Os resultados esperados dessa abordagem incluem:

- **Acesso Ampliado a Mercados:** Com o uso de plataformas digitais, as comunidades indígenas poderão vender seus produtos e serviços diretamente para mercados locais, nacionais e internacionais. Essa conexão com consumidores globais contribuirá para a geração de renda e para a valorização dos produtos indígenas, que muitas vezes possuem um valor cultural e ecológico incomparável.

- **Educação Empreendedora e Capacitação:** A inovação no campo educacional, por meio de cursos *online*, programas de capacitação e mentoria digital, permitirá que os indígenas adquiram habilidades empreendedoras e de gestão. Isso pode incluir desde a administração de negócios até a utilização de novas tecnologias para aprimorar suas práticas produtivas tradicionais.
- **Acesso a Recursos e Políticas Públicas:** A digitalização das comunidades e a criação de redes de colaboração com entidades governamentais e ONGs podem facilitar o acesso das comunidades a recursos e políticas públicas voltadas para o apoio ao empreendedorismo e à preservação ambiental.

Fortalecimento do Empreendedorismo Indígena

A inovação abre novas possibilidades para o fortalecimento do empreendedorismo indígena, criando modelos de negócios sustentáveis e com foco nas tradições culturais. Alguns dos principais impactos esperados incluem:

- **Criação de Negócios Sustentáveis:** O uso de tecnologias sustentáveis e práticas ecológicas, como a agroecologia e a economia circular, pode permitir que os empreendedores indígenas criem negócios sustentáveis que atendam tanto às necessidades locais quanto às demandas de mercados conscientes. Além disso, a capacitação em negócios digitais e e-commerce proporcionará uma maior autonomia econômica.
- **Valorização dos Produtos Culturais:** A aplicação de inovações tecnológicas pode permitir que as comunidades desenvolvam produtos culturais únicos (como artesanato, tecidos, alimentos e remédios tradicionais) de forma eficiente e competitiva, sem perder sua autenticidade. O uso de plataformas de comércio eletrônico, por exemplo, pode facilitar a comercialização de produtos artesanais para um público global.
- **Fortalecimento da Rede de Empreendedores Locais:** A colaboração entre indígenas e outros empreendedores pode criar um ecossistema local de inovação, no qual as comunidades se tornam autossuficientes e se apoiam mutuamente. Parcerias com universidades, empresas e governos podem promover o crescimento de negócios locais e incentivar o empreendedorismo colaborativo.

Desenvolvimento Sustentável das Comunidades

Ao integrar práticas de inovação com sustentabilidade, é possível transformar os modos de vida das comunidades indígenas, promovendo o desenvolvimento sem comprometer seus valores culturais e ambientais. Espera-se que a inovação contribua para:

- **Sustentabilidade Ambiental:** A inovação tecnológica pode ser aplicada para desenvolver práticas agrícolas e produtivas mais eficientes e menos prejudiciais ao meio ambiente, como o uso de bioinsumos e a implementação de tecnologias de monitoramento ambiental. Isso ajudará as comunidades a manter seus territórios preservados enquanto geram renda a partir de atividades sustentáveis.
- **Gestão Eficiente de Recursos Naturais:** O uso de tecnologias como a agricultura de precisão, monitoramento por satélite e coleta de dados ambientais pode otimizar o uso dos recursos naturais, permitindo que as comunidades indígenas mantenham um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental.
- **Desafios Climáticos e Resiliência:** A inovação no campo da adaptação às mudanças climáticas como o uso de energias renováveis e a implementação de tecnologias para resiliência pode proporcionar soluções práticas para os desafios climáticos enfrentados pelas comunidades indígenas, assegurando a sua autonomia e bem-estar a longo prazo.

Reconhecimento Cultural e Revalorização das Tradições

A inovação também tem um papel fundamental no reconhecimento e valorização das culturas indígenas. Através de ferramentas inovadoras, é possível promover uma revalorização cultural que tenha um impacto positivo na autoestima e na visibilidade das comunidades indígenas. Entre os impactos esperados, destacam-se:

- **Preservação e Difusão das Tradições:** A utilização de tecnologias de preservação digital, como vídeos, áudios e aplicativos educativos, pode ser uma forma eficaz de documentar e compartilhar as tradições, histórias e saberes indígenas com o mundo. A realidade aumentada (AR) e a realidade virtual (VR) podem criar experiências imersivas que educam o público sobre as culturas indígenas, ao mesmo tempo que preservam o patrimônio cultural.
- **Promoção da Diversidade Cultural:** A inovação tecnológica pode ser utilizada para criar espaços digitais que promovam a troca cultural entre as comunidades indígenas e o resto da sociedade, contribuindo para o reconhecimento e a celebração da diversidade cultural. Eventos culturais virtuais, festivais de arte e exposições *online* são maneiras eficazes de aumentar a visibilidade das culturas indígenas.
- **Revalorização do Conhecimento Tradicional:** As inovações tecnológicas podem apoiar as comunidades na preservação e na aplicação dos conhecimentos tradicionais, como os relacionados à medicina, agricultura e gestão de recursos naturais. Isso não só

garante que esses saberes ancestrais sejam preservados, mas também os coloca no centro de soluções contemporâneas e inovadoras para problemas globais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: "O FUTURO É AGORA"

O empreendedorismo indígena está em um momento crucial, onde a fusão dos saberes ancestrais com as inovações tecnológicas tem o poder de transformar não só as comunidades indígenas, mas também o mundo. O futuro já está se desenhando diante de nós, e as sementes plantadas hoje em forma de iniciativas empreendedoras e projetos inovadores têm o potencial de se expandir e se fortalecer, tornando o empreendedorismo indígena uma força global capaz de moldar um futuro mais sustentável, justo e equilibrado.

A inovação, ao ser aplicada de forma respeitosa e alinhada com os valores culturais, pode revitalizar as tradições e ao mesmo tempo abrir portas para novas oportunidades de mercado e fortalecimento da autonomia econômica. Ao olhar para o horizonte, vemos um ecossistema no qual as comunidades indígenas não só preservam suas culturas, mas também se tornam protagonistas no desenvolvimento de soluções para desafios globais, como mudanças climáticas, sustentabilidade e justiça social.

As comunidades indígenas têm um potencial imenso para moldar um novo tipo de economia, que não é apenas voltada para o lucro, mas para a preservação do meio ambiente, o fortalecimento das identidades culturais e a promoção de um mundo mais inclusivo. O futuro é agora, e é nosso dever coletivamente investir nesse caminho promissor.

Para que essa jornada seja bem-sucedida, é necessário que todos governos, empresas, universidades e sociedade civil se unam em torno desse objetivo comum. O empreendedorismo indígena, ao ser impulsionado por inovação e respeitando a ancestralidade, tem o poder de se tornar um exemplo inspirador de como o desenvolvimento econômico pode ser conciliado com a preservação cultural e a sustentabilidade ambiental. A jornada está apenas começando, mas o impacto será profundo e duradouro.

RECOMENDAÇÕES E NOVAS FRONTEIRAS DE PESQUISA

O campo do empreendedorismo indígena está apenas começando a ser explorado, e muitos caminhos ainda precisam ser desbravados. Para garantir que o potencial das

comunidades indígenas seja plenamente realizado, a pesquisa deve continuar a evoluir, abordando questões ainda não resolvidas e abrindo novas possibilidades para a integração entre inovação, sustentabilidade e cultura. A seguir, apresentamos algumas recomendações para as futuras direções dessa pesquisa:

1. **Aprofundar a Integração de Saberes Ancestrais com Tecnologias Emergentes:** A pesquisa deve explorar como as tecnologias mais avançadas, como inteligência artificial, blockchain e internet das coisas, podem ser integradas de maneira sensível com os conhecimentos ancestrais. Como essas tecnologias podem ser usadas para melhorar a sustentabilidade dos negócios indígenas sem comprometer os valores culturais? Quais são as formas de garantir que as comunidades tenham controle sobre suas próprias inovações tecnológicas?
2. **Análise do Impacto Cultural do Empreendedorismo Indígena em Escala Global:** Existe uma lacuna na pesquisa sobre como o empreendedorismo indígena, impulsionado por inovações tecnológicas, impacta as culturas e as comunidades ao nível global. Investigar como os produtos e práticas indígenas podem influenciar tendências globais sem perder sua identidade cultural é uma área promissora.
3. **Desenvolvimento de Modelos de Negócios Inclusivos e Sustentáveis:** Futuras pesquisas devem se concentrar na criação de modelos de negócios específicos para as comunidades indígenas, que combinem inovação, sustentabilidade e preservação cultural. Como podemos criar ecossistemas de negócios que sejam autossustentáveis e possam gerar impacto social e econômico de forma escalável?
4. **Impacto da Educação Empreendedora nas Comunidades Indígenas:** O estudo sobre o impacto da educação empreendedora nas comunidades indígenas é fundamental para o sucesso a longo prazo. Investigar como os programas de capacitação digital e tradicional podem ser integrados de forma eficaz pode ajudar a criar uma nova geração de líderes indígenas que sejam ao mesmo tempo inovadores e guardiões de suas tradições.
5. **Avaliação de Políticas Públicas e Instituições de Apoio ao Empreendedorismo Indígena:** A pesquisa deve também avaliar as políticas públicas que têm sido implementadas para apoiar o empreendedorismo indígena, focando na eficácia e no impacto real sobre as comunidades. Quais barreiras as comunidades ainda enfrentam

ao tentar acessar financiamento, formação e redes de apoio? Quais políticas poderiam ser criadas para melhorar o ecossistema de inovação indígena?

6. **Tecnologias para Preservação e Valorização do Patrimônio Cultural:** O uso de novas tecnologias para a preservação e valorização do patrimônio cultural indígena é outra fronteira de pesquisa essencial. Como as tecnologias emergentes podem ser utilizadas para proteger os conhecimentos ancestrais, ao mesmo tempo que possibilitam que eles sejam compartilhados com o mundo sem perder sua autenticidade?

Ao seguir essas direções, a pesquisa sobre o empreendedorismo indígena poderá abrir novas portas para que as comunidades indígenas não apenas se incluam nas economias locais e globais, mas se tornem líderes em práticas de sustentabilidade e inovação. O trabalho de hoje pavimenta o caminho para um amanhã mais inclusivo, onde a verdadeira força do empreendedorismo indígena será reconhecida e valorizada por sua contribuição à sociedade global.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e à FACE/UFGD – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados pelo apoio fornecido ao longo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BOSZCZOWSKI, A. K.; TEIXEIRA, R. M. O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. **Revista Economia & Gestão**, v. 12, n. 29, 2012, p. 141-168.

BRASIL. Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 28, p. 316-317, 08 fev. 2007.

CAHN, M. Indigenous entrepreneurship, culture and microenterprise in the Pacific Islands: Case studies from Samoa. **Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal**, v. 20, n. 1, p. 1–18, 2008.

CASTILHO, M. A; DORSA, A. C; SANTOS, M. C. L. F; OLIVEIRA, M. M. G. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações**, Campo Grande, v. 18, p. 191-202, 2017.

CORREIA, D. L. Saberes tradicionais: processo de ensino e aprendizagem dos empreendedores da cooperativa de etnodesenvolvimento KITAANDA BANTU. **Revista Educação e Ciências Sociais**, v. 2, n. 2, p. 41-61, 2019.

DANA, L-P.; ANDERSON, R. **International handbook of research on Indigenous entrepreneurship**. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2007.

DORNELAS, José, **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 6 ed. São Paulo, Ed. Atlas, 2016.

ELKINGTON, J. **Cannibals with Forks**: The Triple Bottom Line of 21st Century Business. Oxford: Capstone, 2012.

ENGLER, R. C.; MOURÃO, N. M. *Design*, artesanato e empreendimentos criativos: caminhos para a sustentabilidade. In: **Ecovisões projetuais**: pesquisas em *design* e sustentabilidade no Brasil. Belo Horizonte: Centro de Estudos Teoria, Cultura e Pesquisa em *Design*, 2024.

GANDHI, Tanvi; RAINA, Rishav. Social entrepreneurship: the need, relevance, facets and constraints. **Journal of Global Entrepreneurship Research**. 8. 10.1186/s40497-018-0094-6, 2018.

HALL, J. K., VREDENBURG, H. The challenges of innovating for sustainable development. **Sloan Management Review**, v. 45, n. 1, 2003, p. 61-68.

HENRY, E.; DANA, L-P.; MURPHY, P. Telling their own stories: Māori entrepreneurship in the mainstream screen industry. **Entrepreneurship & Regional Development**, p. 1–28, 2017.

HENRY, E.; NEWTH, J.; SPILLER, C. Emancipatory Indigenous social innovation: shifting power through culture and technology. **Journal of Management & Organization**, v. 23, n. 6, p. 786–802, 2017.

HINDLE, K.; MOROZ, P. Indigenous entrepreneurship as a research field: Developing a definitional framework from the emerging canon. **International Entrepreneurship Management Journal**, v. 6, p. 357-385, 2010.

HÖRISCH, J.; FREEMAN, R. E.; SCHALTEGGER, S. Applying stakeholder theory in sustainability management: Links, similarities, dissimilarities, and a conceptual framework. **Organization & Environment**, v. 27, n. 4, 2014, p. 328-346.

LISETCHI, Mihai; BRANCU, Laura. The Entrepreneurship Concept as a Subject of Social Innovation. **Procedia Social and Behavioral Sciences**. 124. 87-92. 10.1016/j.sbspro.2014.02.463, 2014.

MARTOFEL, G. K.; SILVA, A. F.; ROSA, K. C.; GOLLO, S. S. Empreendedorismo sustentável: revisão sistemática de conceitos e escalas de mensuração aplicadas às empresas. **JEPEx**, Erechim, RS, v.9, dez. 2020.

MIKA, J. P.; FAHEY, N.; BENSEMANN, J. What counts as an indigenous enterprise? Evidence from Aotearoa New Zealand. **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, 2019.

MOURÃO, N. M. **Sustentabilidade na produção artesanal com resíduos vegetais**: uma aplicação prática de *design* sistêmico no Cerrado Mineiro. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Minas Gerais, 2011.

OLIVEIRA, R. B.; ANDRADE, F. A. V. Empreendedorismo e cultura: um estudo acerca da prática da cultura empreendedora com artesãos assessorados pela incubadora Amazonas Indígena Criativa–AMIC. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Future Publishers Group, v. 2, 2017.

ORSIOLLI, T. A. E.; NOBRE, F. S. Empreendedorismo sustentável e stakeholders fornecedores: criação de valores para o desenvolvimento sustentável. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, 2016, p. 502-523.

PINTO, A. R.; MARTENS, C. D. P.; SCAZZIOTA, V. V. Empreendedorismo digital em organizações: revisão integrativa da literatura e proposição de elementos de análise sob a ótica das capacidades dinâmicas. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 29, n. 3, p. 627-660, 2023.

REIS, A. C. F. (Org.). **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SCHALTEGGER, Stefan; WAGNER, Marcus. Sustainable Entrepreneurship and Sustainability Innovation: Categories and Interactions. **Business Strategy and the Environment**. 20. 222 - 237. 10.1002/bse.682, 2011.

SCHLANGE, L. E. Stakeholder identification in sustainability entrepreneurship. **Greener Management International**, (55), 13-32, 2009.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SILVA, M. N. C. da; GOMES, F. E. Empreendedorismo indígena: uma revisão de literatura. **Revista Empreendedorismo, Negócios e Inovação**, São Bernardo do Campo, v. 7, n. 1, p. 1-25, 2022.

TEECE, D. J.; PISANO, G.; SHUEN, A. Dynamic capabilities and strategic management. **Strategic Management Journal**, v. 18, n. 7, p. 509-533, 1997.

THROSBY, D. Cultural capital. **Journal of Cultural Economics**, v. 23, n. 1, p. 3-12, 1999.